



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA



Por LAURA CHAVES

HAVIA um senhor valado
que vedava certa estrada,
ficando, do outro lado,
uma horta bem tratada.

Ora nessa primavera,
entre os arbustos, um dia,
uma alcachofra nascera,
que era alta e muito esguia.

Tinha, na cabeça erecta,
uma trunfa arroxeadada,
que lembrava a dum poeta
por ser, também, desgrenhada.

Na verdade, ela sentia,
dentro do seu coração,
lindos sonhos de poesia,
de quimera e de ilusão!

No valado havia a ideia
entre os arbustos dispersos,
que, em noites de lua cheia,
ela até fazia versos!

Pois ao cair da noitinha,
ao cintilar das estrélas,
levantava a cabecinha,
ficando enlevada nelas.

Nunca, nunca se fartava!
E, depois, o que dizia!



Mas tão baixo ela falava
que era pena, mal se ouvia!

Numa voz muito fraquita,
punha-se a balbuciar:
— «Ai! se eu fôsse uma avezita,
como havia de cantar

tôdas as côres tão belas
que eu vejo do meu valado,
desde o oiro das estrélas,
ao verde calmo do prado...

Tudo, tudo o que me encanta!
Tudo quanto me seduz!
O dia que se levanta
numa alegria de luz!

E aquele véu, tão fininho,
que à noite nos vem tapar
e cai tão devagarinho
que ninguém o vê chegar!

Tudo o que no céu flutua,
nuvens correndo, de leve...
o vento, o sol, mais a lua
e o luar branco de neve!...

Das florinhas o matiz,
as luzes dos pirilampos,
e êsses perfumes subtis
que a brisa nos traz dos campos...

Essas cantigas infindas
que no rio cantam as águas,
tão fresquinhas e tão lindas
embalando as nossas mágoas!

E o doce canto de amor
que a loira abelha infiel
vai cantar, de flor em flor,
para que lhe dêem mel.

Sinto tanto a Natureza,
que pergunto, muita vez,

como é que uma tal grandeza,
cabe nesta pequenez! — »

Erguendo mais, para os céus,
a sua cabeça erecta,
dizia: — «Graças, meu Deus,
que me fizeste poeta! — »

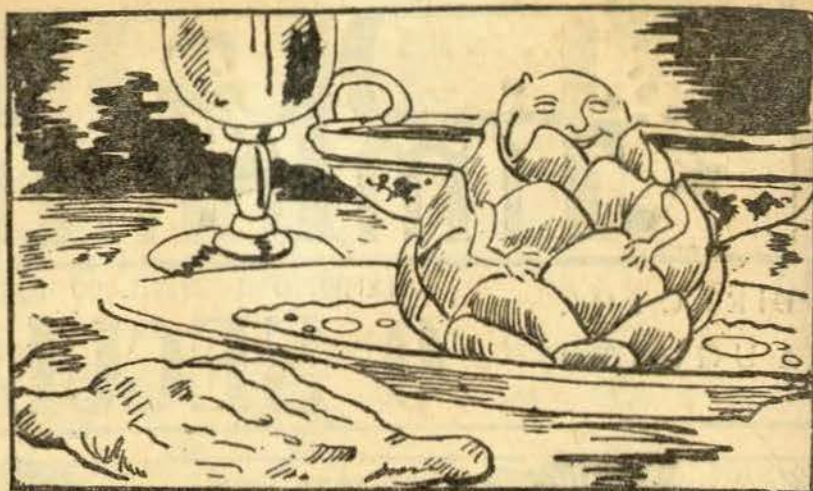
Do lado de lá da estrada
que o tal valado vedava,
muito gorda, e anafada,
outra alcachófra morava.

Destas sem trunfa eriçada,
que são comida de ricos
e trazem saia rodada,
com folhos cheios de bicos,

A sua forma era arcaica,
de burguês capitalista.
Tinha tanto de prosaica
como a outra de idealista.

Já se vê, não percebia
as falas da companheira,
porque falava em poesia
e ela em prosa vil, rasteira,

Emquanto uma só passava
todo o seu tempo a sonhar,



a outra, essa, só tratava
de crescer e de engordar.

Quando Junho foi chegado,
variaram suas vidas.
Foram parar ao Mercado
e, depois, ambas vendidas.

A da prosa foi papada,
feita em molho succulento...
A da poesia queimada,
e posta ao ar, ao relento.

Tisnada como um carvão,
olhava os céus a sorrir!...
Sentia no coração
que havia de reflorir!

Qualquer coisa lhe dizia
que aquilo não era o fim...
Que um poeta não podia
envelhecer, feio, assim!

Quando a claridade frouxa
anunciou a manhãzinha,
uma nova trunfa roxa
lhe enfeitava a cabecinha!

E a alcachófra sonhadora
envelheceu sem saudade,
na ideia consoladora
que voltára à mocidade.

Creiam no que vou dizer,
que lho digo sem paixão:
— só se envelhece, a valer,
quando se perde a ilusão.



F I M

Atenção O «Pim-Pam-Pum» tem o grande prazer de comunicar aos seus queridos leitores que vai tratar da organização duma nova festa infantil, sensacional, a realizar-se no meado do mês de Julho. No próximo número publicaremos um cupão, cuja inserção faremos, também, nos números seguintes, a-fim de serem trocados pelos bilhetes de entrada.

O LINDO LIVRO
PRESENTE DE NATAL

que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso.

SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES, E CUSTA, APENAS, 5 escudos

O Cão e o Porco

por JOSÉ AUGUSTO DO VALE

ERA uma vez um camponês que tinha feito a casota do seu cão junto ao cortelho do seu porco. O porco que só queria comer e dormir a sono solto, sentia-se incomodado com o frequente latir do cachorro, seu vizinho, o qual, no seu papel de fiel amigo do dono, não se cansava de vigiar a quinta.

O porco, animal muito estúpido, nada agradecido, que nem tolera qualquer brincadeira, não hesitando em dar uma dentada no próprio dono, se tal lhe apetecer, jurou vingar-se do contínuo policiamento do cão. E, por isso, quando via que o cão tentava dormir sobre as palhas da casota, lembrava-se, logo, do primeiro caldeiro da lavagem enfarelada e deitava, para a casota do vizinho, o comprido focinho, como se fôra um clarinete, e azoïnava-lhe os ouvidos, cortando-lhe o sono, com a sua ameaçadora linguagem: «*Eu corro um...; corro um...; corro um...*».

O cão já por mais de uma vez lhe dissera:

— «O' vizinho!... cala-te, por favor, pois tu bem vês que preciso descansar; levo as noites a vigiar a quinta do patrão e a guardar as tuas costas dalgum gatuno.»

Mas o porco fazia ouvidos de mercador; isto é, não estava para o atender.

O cão, como animal bem educado, vendo que o seu vizinho porco não tinha emenda, abandonou a casota e passou a dormir cá fóra, ao relento da noite. O certo é que, mesmo ali, não teve grande descanso, porque o porco entou de novo o seu estribilho, velhaco como sempre, numa constante ameaça: «*Eu corro um...; corro um...; corro um...*».

O cão ainda lhe implorou, com bons modos, que se calasse. Mas êle, sempre insolente, retorquiu-lhe nos termos seguintes:

— «Escusas de me mandar calar,



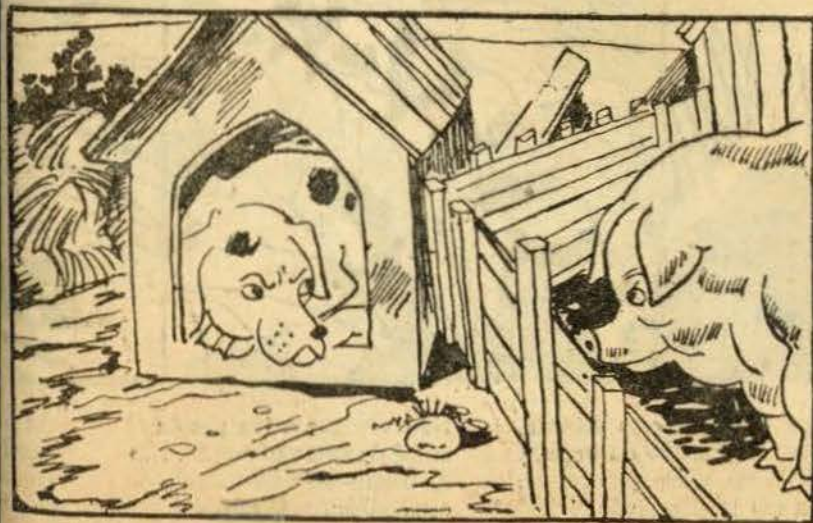
porque eu, com a força do meu dente, não tenho medo do quer que seja! Portanto, meu amigo, escusas de estar, de noite, a soltar o teu frequente: — «*beu-beu..., beu-beu...*» pois êle, para mim, vale tanto como um velho chapéu».

O cão, finalmente, como animal muito esperto, tornou a mudar de local e, dando ao desprezo o porco, não mais se preocupou com a gabarolice do mau vizinho que, na sua agressiva linguagem, continuou a grunhir, por toda a parte:

— «*Eu corro um...; corro um...; corro um...*».



Se temos, junto da porta, vizinho incómodo e mau, o remédio é despezá-lo, como se fôra um calhau!



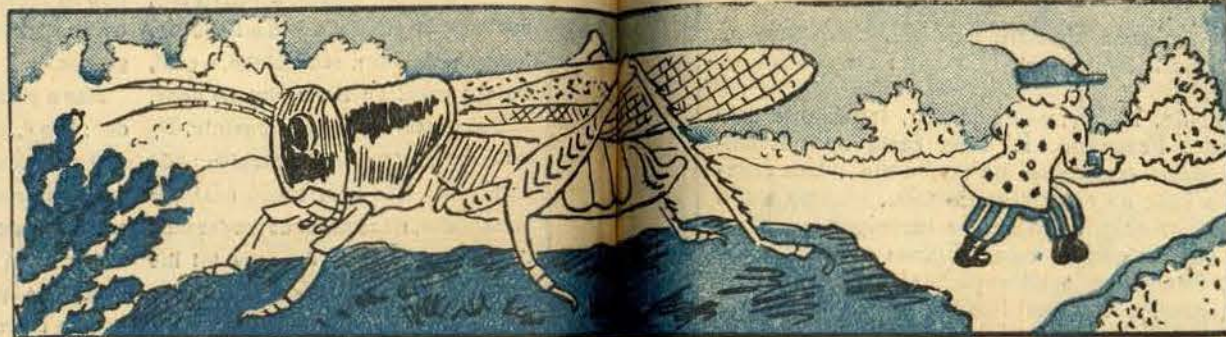
■ F I M ■

BISBILHOFICES POB ANÃO SABICHÃO

DESENHOS DE ADOLFO CASTAÑÉ



— Sanfóna!? Parece impossível, Anão Sabichão, que, com a tua fama de tudo saberes, te saías com essa!
 Mas eu não dei importância ao seu mau humor e continuei muito calmo:
 — Não era bem sanfóna que eu queria dizer, era cantilena...
 — Cantiga! Cantiga! Assim é a serenata que canto para chamar a minha senhora gafanhota.
 — Ah, sim? — exclamei, mortinho de riso. — E o que responde a tua senhora a essa melodia?
 — Coitada! Não responde nada! Por mais esforços que faço...



QUANDO acordei duma bela soneca que fizera, estendido na relva, já o sol tinha despertado.

Ouviam-se os grilos, as cigarras e vários outros bicharocos que vivem nos campos.

Perto de mim, um gafanhoto verde, pousado numa haste de ervilhaca, parecia muito entretido a roçar as côxas traçadas contra as áas, o que produzia um som esquisito.

— Acaba lá com essa sanfóna, amigo gafanhoto! — acudi eu, para o ouvir.

Já se vê que o bicho não gostou desta desagradável interrupção e bradou, indignado:

nós tornam célebres entre os insectos? Queres ver quanto avanço, num desses saltos? — e já se dispunha a saltar, quando eu atalhei:

— Deixa-te estar quieto! Eu conheço a vossa habilidade. E, nesta erva tão espessa, deve-te ser difícil dar esses pulos!...

— Difícil, é um pouco! O que tem é a vantagem de nos livrar dos inimigos...

— Dos galos, galinhas, perús...

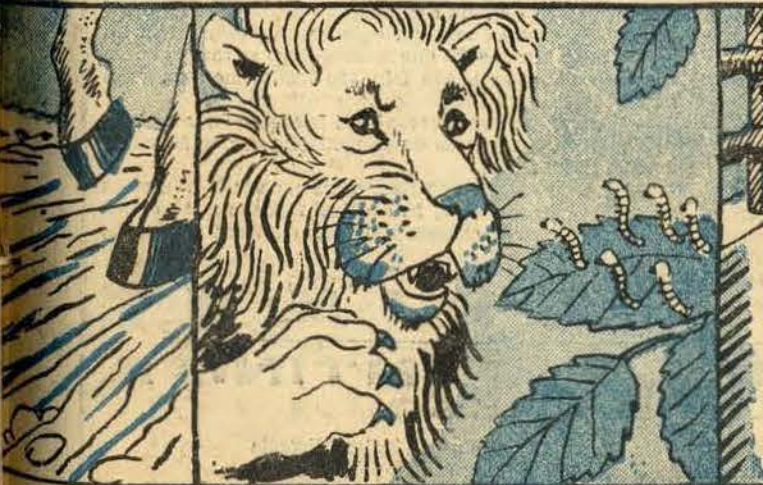
— E também dos insectos que nos perseguem. O que nos vale é a nossa cor. Verdes ou castanhos, confundimo-nos, facilmente, com a folhagem e troncos... Assim é que nos livramos dos malditos...

— Já o mesmo não sucede aos teus parentes da Ásia e África que têm cores tão variadas.

Com um suspiro pesaroso o gafanhoto interrompeu-me:

(Continua na página 6)

O MACHO, A LARVA E O LEÃO



Achando-se um macho, um dia, quasi a pisar uma larva, esta que não era parva, protestou como deya.

Logo o macho, com vaidade, volve ao protesto do verme: — «Tentas, acaso, ofender-me com tua inferioridade?»!

Não vês que a tua pessoa ao pé de mim não é nada?!... E, dando-lhe uma patada, esmigalhando-a, matou-a.

As outras larvas, então, despachando o macho, ao rei dos bichos...

Logo o rei dos animais julga o macho que lhe diz: — «Matei um ser dos mais vis, Majestade, nada mais!»

Volve o leão, todavia, com expressão muito azêda: — «O verme era o rei da sêda e bem mais que tu valia!»

Pela morte desse verme, vais por mim ser condenado! Tudo que existe é sagrado, seja larva ou paquiderme!

DESTINOS

NOVELA INFANTIL

POR GRACIETTE BRANCO

(Continuado do numero anterior)

O ambiente era requintado e duma grande beleza. Ricamente vestidas, as raparigas, quasi todas, como Helen, filhas de milionários, punham, nos esplêndidos salões uma nota de colorido e frescura que deleitava a vista.

Mas Helen parecia preocupada.

Sorrindo sempre, atravessava os grupos, falando para a direita e para a esquerda, mas com uma certa impaciência no olhar...

— «Não viste por aqui o Fernando, Mary?» — perguntou, a uma rapariga que surgiu, dando o braço a Harry.

— «Não, Helen, não vi. Talvez ande no jardim. Está uma noite linda e o Fernando parece-me bastante romântico para se maravilhar com o esplêndido luar que faz lá fora.»

Helen, anciosamente correu o jardim mas, não encontrando Fernando, voltou para o salão, deveras intrigada.

Porém, ao passar pelo amplo vão duma janela um sorriso lhe animou o rosto, fazendo-lhe pulsar, mais rapidamente, o coração.

— «Fernando: Aqui sózinho, quando todos dançam, todos riem, todos vivem, alegremente estas horas leves e felizes. Mas o Fernando estava a ler... agora reparo...



— «É verdade, Helen. Mas não se retire. A sua presença nunca pode tornar-se importuna.»

— «Obrigada, Fernando. Mas... perdõe-me a indiscrição... Notícias de Portugal? De sua Mãe, talvez?...»

— «Não, Helen; — exclamou, levemente embaraçado, Fernando. É uma carta da noivazinha modesta que deixei no meu País... Um coração que bate ao compasso do meu, mesmo a tão grande distância... Vocês, as raparigas inglezas, talvez não entendam esta religiosa comunhão de almas, êste sagrado nó espiritual, a que nós, os portugueses, na nossa linguagem de ternura e poesia, respeitosa e chamamos Amor!

(Continua no próximo número)

BISBILHOTICES

(Continuação da pagina 5)

— A-pesar-de tudo, não se me dava usar tão lindas cores!...

— Ainda uma pergunta: Porque tens tu as pernas da frente assim inchadas, aí, nas juntas?

O gafanhoto deu uma gargalhada, muito divertido.

— Sempre tens cada pergunta! Esses inchaços são os meus ouvidos, percebeste? Es muito bisbilhoteiro, amigo Anão!

— Queres saber porque assim sou? É para ensinar os leitorzinhos do Pim-Pam-Pum. Como estás vendo, a respeito de gafanhotos a minha sabedoria não é muita? Ainda assim, estou ao facto de que vocês foram, nos tempos antigos, uma das pragas do Egipto.

— E continuamos a ser, em todos os países e em todos os tempos, a maior praga do mundo! Há lá nada pior que um bando da nossa família, sobre campos semeados!...

Nisto, o gafanhoto ficou-se pensativo:

— Sabes, Anãosinho? Ando muito impressionado...!

— Que te sucedeu?

— Vi, outro dia, um companheiro morto. Era um lindo gafanhoto, vestido com um casaco verde esmeralda, tal qual o meu. Mas, assim que morreu, logo se tornou duma cor castanha escura, tão feia, tão feia, como uma noite de trovões!

— Não te apoquentes com isso! Lembra-te que quando, por tua vez, te tornares dessa medonha cor, estás morto e não te podes ver!

O gafanhoto pareceu ficar mais consolado com estas palavras animadoras e, lá o deixei fazendo a tal cantilena monótona, a chamar a fugidia senhora gafanhota que ainda não recolhera.



RESPOSTA A' ARGENTINITA

Por ANÃO SABICHÃO

A menina poetisa, que se alcunha *Argentinita* e belamente improvisa, com uma graça infinita, o vosso amiguinho Anão, vem, também, em versalhada, pondo as mãos no coração, numa grande barretada, agradecer a fineza,

as expressões agradáveis, cheias de delicadeza e as palavras tão amáveis, do seu tão lindo pensar,

Elas tiveram condão de deixar meio pateta o vosso amigo petiz

e uma lágrima discreta lhe rolou pelo nariz, porque viu que os seus meninos, em seus cérebros pequeninos, entendem o que ele escreve. Por isso, mais e mais deve continuar sua missão, êste que se subscrive vosso dedicado

ANÃO

CHARADAS EM FRASE PARA OS MENINOS COLORIREM

Parti o meu aparo num buraco desta linda terra portuguesa. 2-2

Isolado num ermo dei um grito que fez estremecer o chão. 1-2.

Em seu leito este animal devorou este bicharoco. 2-2.

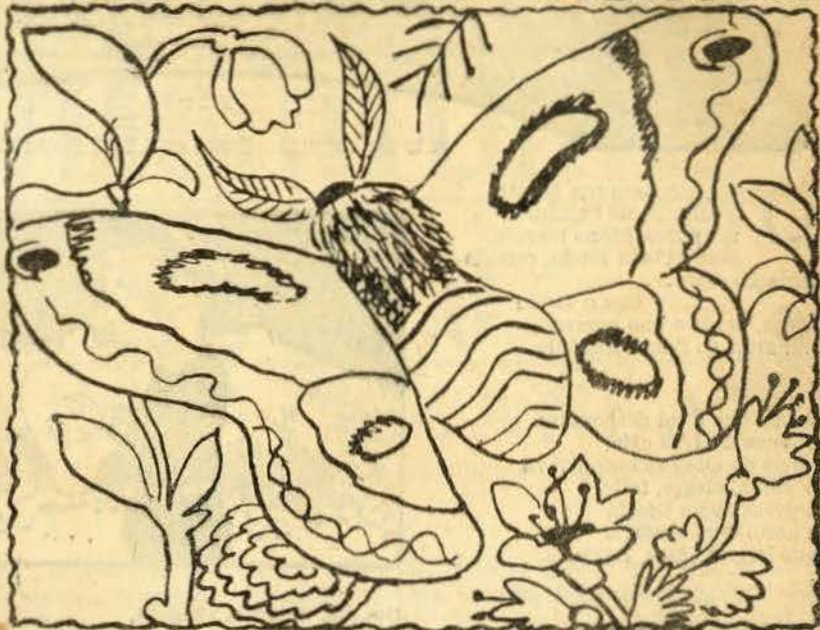
Com este utensilio de campo, fabriquei nesta terra beirôa este utensilio de cozinha. 1-2.

A acusada recebeu um belo tratamento ao tirarem-lhe a fotografia. 1-2.

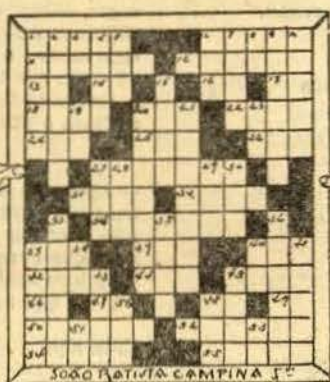
A comida deste pássaro é a mesma desta ave. 2-1.

Solução das anteriores :

1—Maravilha. 2—Lusiadas. 3—Américo. 4—Vitória.



PALAVRAS CRUZADAS

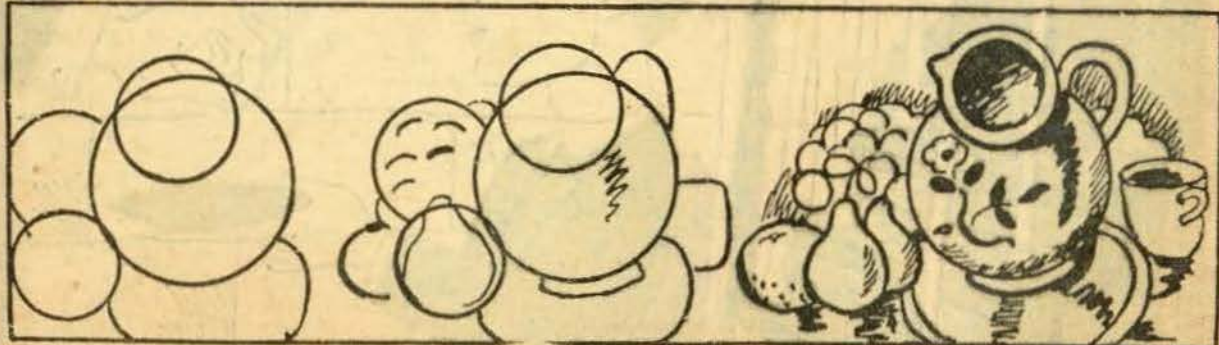


HORIZONTAIS. — 1, Peralta; 6, Estéril; 11, Escalar-se; 12, Volatilizar; 13, Anfíbio; 14, Partir; 16, Artigo fran-

cês; 17, Limitada; 18, Voz do gato; 20, Sateite; 22, Despache; 24, Espaço de tempo; 25, Idem em francês; 26, Andavam; 27, Mulheril; 31, Pendem; 32, Catafalcos; 34, Diminuir; 37, Preposição; 39, Primorosa marca de aparelhos de T. S. F.; 40, Arte em francês; 42, Córante; 44, Artigo (contração); 45, Zangar; 46, Limitada; 47, Caminhava; 48, Abreviatura de Monsieur; 49, Pronome; 50, Mulher robusta; 52, Silhueta; 54, Arvore; 55, Silveira.

VERTICAIS. — 1, Casa de banho; 2, Acalma; 3, Nota; 4, Juntar; 5, Casa; 6, Pássaro; 7, Rumo; 8, Pronome francês; 9, Flores; 10, Mandado; 15, Apetrechei; 19, Contração; 20, Pranto; 21, Dizes asneiras; 27, «Longe» em inglês; 28, Interjeição; 29, Eleva; 30, Morada; 33, Gracioso; 35, Reproduz; 36, Gratuito; 37, Livre; 38, Pronome; 40, Atmosfera; 41, Atenção; 43, Ligai; 45, Apre. 48, Espaço de tempo; 51, Batráquio; 53, Frei; 56, Nome de letra.

LICÃO DE DESENHO



Como se desenha uma Natureza Morta

Milagre de Santo António

Por
AUGUSTO DE SANTA-RITA

O Toninho era um garoto levadinho do demônio, um poucachinho maroto, mas de bom fundo, coitado Coração doiro...

Ora o Tônio tinha, desde o ano passado, um altar de Santo António,

Assim que o sol despontava até que a tarde caía, ao pé do altar se encontrava o Tônio, alegre, feliz, à porta duma Olaria e perto dum chafariz que lá, por acaso, havia.

De bandejinha na mão a quem passava pedia a graça de meio tostão para o Santo do seu nome, que sobre o altar lhe sorria, não para matar a fome mas para sua alegria.



Um dia, entanto, chegara, junto ao chafariz, a filha da sua vizinha, a Clara, que tinha dez anos só, e que fôra encher a bilha, por incumbência da Avó que lhe ensinara a Cartilha,

pois Clarinha escorregara, pregara a bilha no chão, que toda em cacos ficara,

Ao vê-la chorar, o Tônio corre, então, à Olaria, deixando o seu Santo António, cujo olhar, ó maravilha, dir-se-ia que tudo via; e, trazendo nova bilha, à Clara o Tônio dizia:

Toninho, que pela Clara sentia grande afeição, súbitamente depara a sua atrapalhação,

— «Santo António que além viste, em seu reluzente altar, não quer que tu fiques triste pelo que te aconteceu e decidiu consertar a bilha que tu partiste.

Ei-la aqui... Caíu do Céu!

■ ■ F I M ■ ■

